



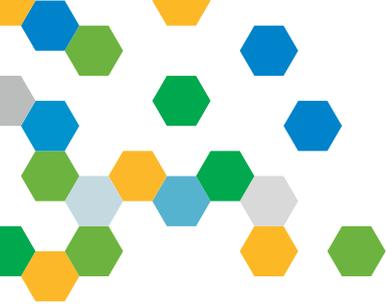
d+i desenvolvendo
ideias
LLORENTE & CUENCA

RETRATO DO MOMENTO BRASILEIRO E SEUS CENÁRIOS



O matrimônio do político com a economia

São Paulo, abril 2017



Dizer que este texto explica o Brasil atual seria pretensioso demais para qualquer um. O Brasil não cabe em páginas ou até mesmo em compêndios. Não basta ler o Brasil. É preciso encontrar as entrelinhas e entender que as mensagens mais importantes não estão escritas em nenhum lugar. O Brasil não é nenhum daqueles estereótipos tão conhecidos no exterior, seja samba ou futebol. Somos difíceis de compreender – e aí está o segredo – porque numa primeira olhadela para a praia de Copacabana, um observador mais desavisado pode achar que já sabe tudo. Engana-se. O melhor a fazer então é um instantâneo, um **retrato do momento brasileiro e seus cenários**, mas em 3D, só que no velho processo de revelação num quarto escuro, que vai ganhando as cores da compreensão à medida que vão surgindo as imagens mais e mais claras.

Vejamos as perguntas que chegam de fora do País: O que dizer do mundo político brasileiro? Apenas que todos estão envolvidos na já internacionalmente conhecida Operação Lava Jato, que apura desvios na Petrobrás? E que todos deveriam estar encarcerados numa prisão do tamanho do Maracanã?

O que dizer do cenário econômico? Somente que a crise tomou conta do País, que perdemos o grau de investimento e o crescimento será lento, com riscos e mais riscos do que certezas?

A resposta para as perguntas é “não”. Vá com calma.

Primeiro é preciso entender que houve uma tentativa **inédita de deslocamento do econômico em relação ao político**. Empresas e o mundo real da economia das ruas não se deixaram mais se pautar pelas más notícias políticas, que se sucedem com a mesma rapidez com que os portais de notícias atualizam suas manchetes. A economia passou a querer ignorar a política, para poder sobreviver.

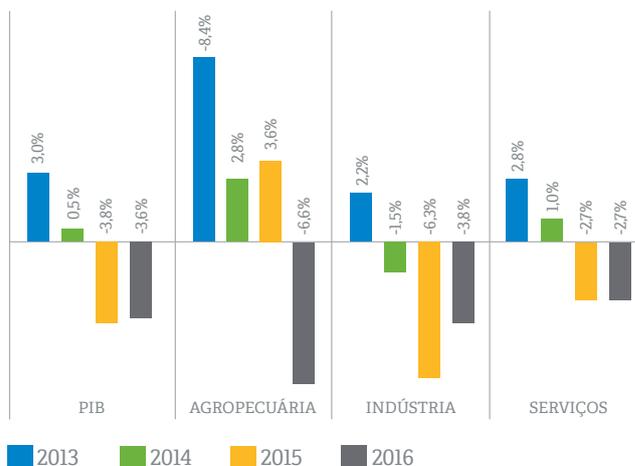
Se não, vejamos: o Brasil vive hoje um pródigo momento de credibilidade da equipe econômica e as medidas corretas estão sendo tomadas. A equipe é de primeira linha e respeitada pelo mercado internacional: sob o comando de Henrique Meirelles, estão nomes como Ilan Goldfajn, Jorge Rachid e mesmo Pedro Parente, lá na Petrobrás, e Maria Silva

Bastos Marques, no BNDES. Com um time desses em campo, vamos para o jogo, por mais difícil que seja, mesmo com um resultado adverso no placar. E que se esfolem os cartolas do Congresso Nacional. Se eles não atrapalharem já está bom demais.

O desafio não é pequeno. O Brasil já acumula uma redução do PIB, nos últimos 33 meses, de 9%. Ou seja, voltamos à mesma base de 2010. Os sinais dessa recessão sem precedentes estão na vida dos brasileiros: desemprego, queda da qualidade de vida e do poder de compra e até na crise da segurança pública. É com esse cenário que a equipe econômica convive nos últimos meses. Raspamos o fundo do poço e ainda demos uma cavadinha, para descer ainda mais.

Mas o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, já fala desses números satânicos como uma imagem num espelho retrovisor. E fala com a devida cautela. Sem nada de otimismo exagerado nisso. **O astral econômico mudou**. E cada brasileiro já percebe isso no seu dia a dia. A confiança do consumidor finalmente voltou a crescer. A da indústria, na hora de comprar matéria-prima, também. E a produção industrial também subiu. Depois de 3 anos no vermelho, em janeiro, o número é positivo em 1,4%. Foi pouco, um pouquinho, mas a curva agora aponta para cima.

Imagem 1. Evolução do PIB e variação da atividade por setor (EM %).



Fonte: IBGE

Outros dois indicadores positivos e diretos são o crescimento da indústria de embalagens nas últimas semanas e o aumento do consumo de energia elétrica. Do interior do País vêm ventos favoráveis, notícias de uma safra recorde. E a inflação, o pior dos impostos, foi controlada e está em um patamar aceitável, na casa dos 4,25 %, com perspectiva de queda ainda maior até o fim do ano, o que tem levado a uma constante queda dos juros pelo Banco Central. O sonho é chegarmos a um dígito, para passar menos vergonha no cenário internacional, já que a taxa de juros brasileira, 12,25 % ao ano, ainda é a maior do mundo!

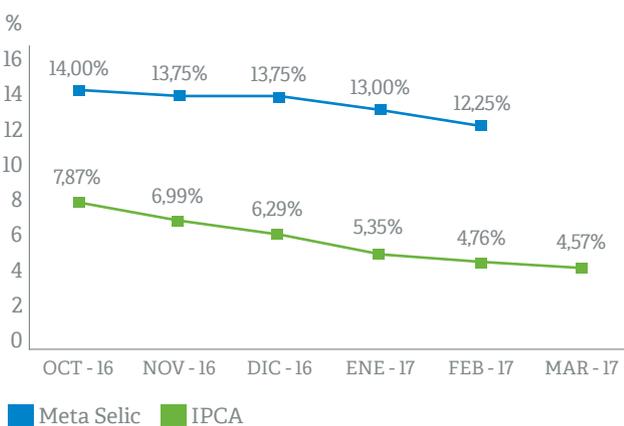
Os economistas são unânimes em avaliar que chegamos ao ponto de inflexão. A equipe econômica agora tem uma política clara, bem definida, bem diferente da biruta que ameaçava as empresas. Isso se traduz em confiança aqui no Brasil, com a Bolsa de Valores subindo, e no exterior, com a volta tímida dos investidores. Os que aqui estavam e sobreviveram à avalanche política e ao maremoto econômico levam ainda mais vantagem. Já aprenderam com os erros e sabem ler nossos mapas da meteorologia econômica e política.

A economia passou a querer ignorar a política, para poder sobreviver

Todos os indicadores positivos da economia só manterão esse viés de melhora, se as reformas propostas pelo Governo **passarem no Congresso**. E se falamos em Congresso, falamos de conchavos, acordos duvidosos, líderes envelhecidos (mesmo que alguns sejam relativamente jovens) e,

principalmente, a **Operação Lava Jato** e a lista do ministro Edson Fachin, do STF (Supremo Tribunal Federal). O documento pede a abertura de inquérito policial para apurar diversos crimes, como corrupção passiva e ativa de nada mais, nada menos do que oito ministros do Governo Michel Temer, os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal e de três governadores de Estado, num total de mais de 200 autoridades, executivos e empresários. Sem falar nos casos que deverão ser apurados em primeira instância, ou seja, não pelo grau máximo da Justiça em Brasília (STF), mas pelo contrário, pelos juízes nos estados da Federação (nível básico da Justiça brasileira). Ou seja, estamos falando do **imponderável**, que pode passar também pelas ruas e manifestações populares ou de militantes dispostos a tumultuar o país, de esquerda e de direita. Sem falar no **fator Lula** (ex-presidente entre 2003 e 2010), para quem quanto pior, melhor, sempre de olho nas eleições presidenciais de 2018 – Lula que aliás, ainda corre o risco de prisão.

Imagem 2. Evolução do PIB e Variação da Atividade por Setor (Em %).



Fontes: IBGE e Banco Central de Brasil

Os 28 partidos, entre Câmara dos Deputados e Senado, se arrastam numa verdadeira geleia geral ideológica, ou melhor, em sua grande maioria, sem ideologia nenhuma... estão mais para **fisiologia pura**. Três partidos dominam a cena: **PMDB** (centro-direita), **PSDB** (centro-esquerda) e **PT** (esquerda), os três maiores do Brasil. O PMDB é o fiel da balança. Ora companheiro do PT, como nos Governos dos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff, ora ao lado do PSDB, como agora no Governo do presidente Michel Temer. Sem esquecer-se do “resto”, partidos menores que formam um bloco ávido por cargos e favores em troca de apoio em cada votação importante.

Nas mãos deles todos estão as reformas de que o Brasil precisa: a da previdência, a trabalhista e a tributária. Portanto, se política e economia não voltarem a compartilhar o mesmo teto, não temos boas perspectivas. Pode-se segregiar os políticos da equipe econômica, pois são como água e óleo, mas a vida é “real

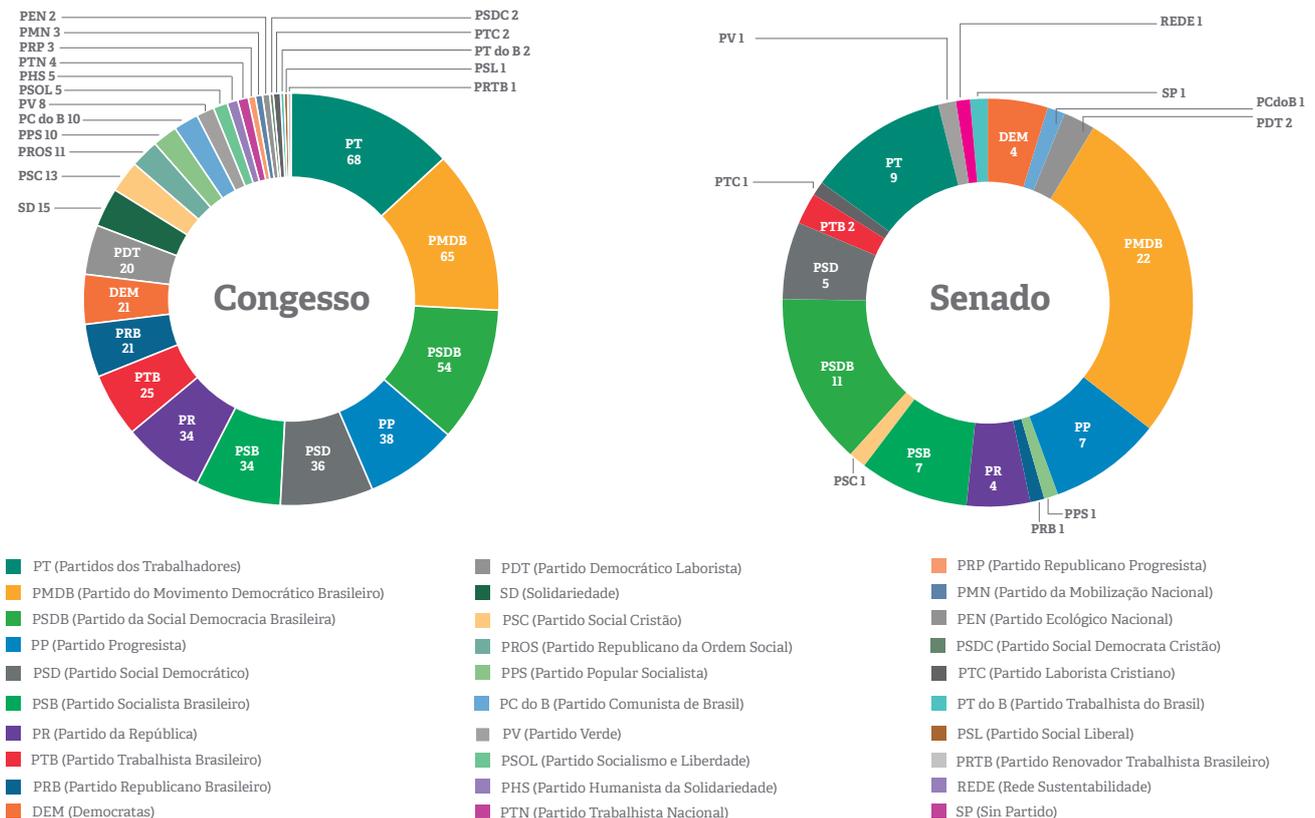
e de viés”, como já cantou Caetano Veloso, e o casal vai ter de andar de mãos dadas, nem que seja apenas por aparência.

A primeira reforma a ser votada deve ser a da previdência. Sem ela, o País não se salvaria de uma tremenda crise fiscal. Por mais que sindicatos, centrais sindicais, movimentos de sem-terra/sem-teto se mobilizem para paralisações e protestos, os analistas políticos, em sua maioria, apostam numa aprovação da reforma da previdência ainda no primeiro semestre. Talvez não seja aquela sonhada pelo Governo,

mas pontos importantes do texto original devem ser mantidos. Contudo, esses ventos favoráveis para o Palácio do Planalto podem trazer um cisco no olho e turvar a visão do governo, hoje talvez um pouco otimista demais quanto à aprovação dessas reformas. Ao contrário do que imaginam, não será

E a inflação, o pior dos impostos, foi controlada e está em um patamar aceitável, na casa dos 4,25 %

Imagem 3. Esquema de divisão dos assentos no Congresso / Senado



Fonte: Site de la Câmara de los Diputados y Senado Federal.

fácil. Cada uma das aprovações pode custar muito caro para o presidente Temer, que não tem margem de popularidade para arriscar. Hoje na casa dos 10 %, Temer é mais mal avaliado até mesmo do que a ex-presidente Dilma Rousseff antes do impeachment. Na verdade, a opção do Governo foi fazer as tais reformas, mesmo que contra a opinião pública, apostando em que, até as eleições de outubro/2018, o País tenha melhorado e a agenda econômica, recheada de boas notícias, possa mudar a cabeça dos eleitores. Essa é a estratégia da equipe de comunicação do governo, que até agora, pelo menos, não funcionou.

Já a reforma trabalhista, também impopular, deve trazer a “modernização” do emprego no Brasil. Empresários que integram o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, um “Conselhão”, que leva ideias para a Presidência da República, saíram da última reunião com Temer certos de que a reforma trabalhista tira o Brasil da agenda do salário, para a agenda do emprego, com os acordos coletivos prevalecendo sobre qualquer outra regra, incluindo aí a aprovação da terceirização da mão de obra e da jornada de trabalho flexível.

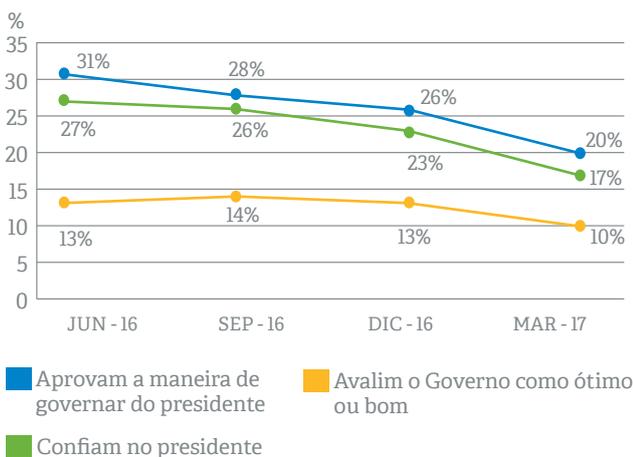
O surgimento de um ambiente positivo para as reformas sinaliza a melhora do funcionamento das instituições

Para a **reforma tributária** a estratégia é fatiar a aprovação das principais medidas, com o Governo enviando paulatinamente ao Congresso várias propostas de mudanças. A expectativa é revertermos o **ICMS** (nosso imposto sobre circulação de mercadorias) e chegar perto de ter o **IVA** nacional, para deixar o sistema mais **transparente e menos complicado** de ser compreendido (os departamentos fiscais das empresas sofrem para entender as regras do propositalmente ininteligível sistema tributário brasileiro).

E, de quebra, ainda deve vir a reforma eleitoral, basicamente para resolver um problema deles, os parlamentares; a questão do financiamento das campanhas políticas, inclusive já a de 2018. Nem que seja uma regra provisória.

Abertamente, o mercado, leia-se principalmente projeções dos maiores bancos, ainda está preocupado com o tempo sisudo de 2017. Espera um crescimento do PIB de apenas 0,5 % este ano. Não mais do que isso. Já em 2018, superadas as reformas, o sol começa a vencer o nevoeiro: viria um crescimento de 1 a 2 %. E, depois um triênio (19-21) de crescimento na casa dos 2 % a 3 %, para todos se besuntarem nos protetores solares, com o sol quase a pino.

Imagem 4. Popularidade do Governo Michel Temer.



Fonte: CNI-Ibope

Espera-se ver confirmada a previsão até o fim deste ano, com a inflação controlada e os juros de apenas um dígito –a agência de classificação de risco Moody’s, aliás, já se adiantou e melhorou a perspectiva para nota de crédito do Brasil, de negativa para estável–. Justificativas técnicas não faltam, como vimos acima. “O surgimento de um **ambiente positivo para as reformas** sinaliza a melhora do funcionamento das instituições, que darão suporte para a implementação das reformas”, diz o relatório da agência, divulgado em março.

Sim, o humor dos investidores começa a mudar. E oportunidades não faltam. Ainda no primeiro semestre deste ano, estão previstas concessões de portos, aeroportos e estradas, que podem totalizar US\$ 6,1 bilhões. Para o segundo semestre, um amplo programa de concessão de ferrovias pode

significar outros US\$ 8 bilhões. Na área de óleo e gás, desgastada pela queda da endividada Petrobrás (em pleno processo de saneamento), serão outros quase US\$ 2 bilhões licitados. E, finalmente, US\$ 7 bilhões em leilões de linhas de transmissão de energia elétrica. Numa conta rápida, **US\$ 15 bilhões** de oportunidades em negócios ainda este ano. Que outro país do mundo, ainda machucado pela maior crise econômica de sua história, apresenta tantas oportunidades para quem quer investir?

Bom humor do mercado, esse ente quase virtual, de um lado. Nariz torto dos eleitores nas ruas.

Se o Governo conseguir mostrar que o presidente fez a lição de casa, mesmo em meio a uma grave crise política, se valorizarem **a agenda positiva** da economia, o cenário eleitoral pode mudar e Temer pode pensar em reeleição (pouco provável) ou, ainda mais certo, um candidato oficial poderia ganhar força, como o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles.

O presidente Temer depende ainda da decisão do Tribunal Superior Eleitoral, que pode cassar seus direitos políticos e destituí-lo. Tudo depende da celeridade ou não de um processo que investiga a arrecadação ilegal de fundos para a chapa presidencial Dilma/Temer em 2014. Não há jurista que não veja uma tentativa de postergar essa decisão para depois de encerrado o atual mandato, depois de 2018, quando a sentença já não teria nenhuma importância.

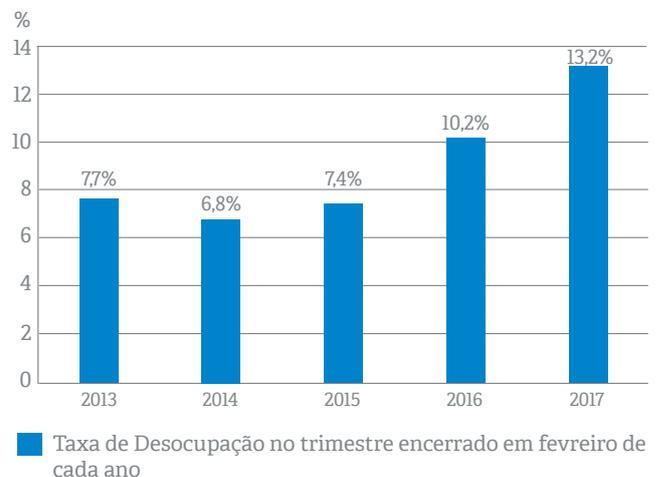
De qualquer forma, para confirmar uma candidatura que nasça dentro do Governo, o desemprego, um dos mais sensíveis indicadores na vida das pessoas, precisaria cair. A taxa de desemprego oficial apontou para 13,2 %, mas um estudo do banco Credit Suisse revelou que o chamado **desemprego ampliado** é muito maior, quase o dobro. O termo significa a soma dos desempregados com os trabalhadores que fazem algum tipo de trabalho temporário e informal, por

falta de opção, e também quem já desistiu de procurar trabalho. Por esse critério, considerando o terceiro trimestre de 2016, a taxa de desemprego ampliada do Brasil bateu em 21,2 %, ou seja, cerca de 23 milhões de brasileiros. E aí entra o **fator Lula**.

O ex-presidente aposta no seu discurso de “você era feliz e não sabia”. Tenta posar de vítima do Ministério Público e da Justiça. Define-se como um **perseguido político** dentro do próprio País. Ele ainda é capaz de levar multidões às ruas. Grupos maiores ou menores, a depender da pauta da imprensa. Mas sua presença na cédula eleitoral de 2018 ainda é uma incógnita. Lula poderá estar impedido de ser candidato. Pode deixar as esquerdas órfãs.

Como se conclui, o quadro político não está tão descasado assim do econômico, por maiores que sejam os esforços dos empresários para acreditar nisso e seguir em frente. O Brasil precisa de um dueto afinado. Se um espirrar, o outro fica resfriado... ou com pneumonia.

Imagem 5. Taxa de Desocupação.



Fonte: IBGE



Marco Antonio Sabino é sócio e presidente da S/A LLORENTE & CUENCA. Jornalista (Cáspier Libero, onde também foi professor) e advogado (Universidade de São Paulo- USP-), com pós-graduação em Comunicação Organizacional (USP), é especializado em assuntos econômicos, legais e governamentais. Detém grande experiência no desenvolvimento de planos de comunicação para o governo brasileiro e empresas multinacionais. Foi superintendente de Comunicação do Grupo Telefônica no Brasil e dirigiu o jornalismo da Rádio e TV Bandeirantes. Foi repórter e editor da Revista de negócios Exame e atuou também como repórter especial da Globo TV.

masabino@llorenteycuenca.com

Gestão da Reputação, Comunicação e Assuntos Públicos

Líderes em Espanha, Portugal e na América Latina

A LLORENTE & CUENCA é a **consultoria de gestão da reputação, a comunicação e os assuntos públicos líder na Espanha, Portugal e América Latina**. Conta com **23 sócios** e cerca de **500 profissionais**, que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividade com operações dirigidas ao mundo de língua hispânica e portuguesa.

Atualmente, a LLORENTE & CUENCA tem escritórios na **Argentina, Brasil** (São Paulo e Rio de Janeiro), **Colômbia, Chile, Equador, Espanha** (Madri e Barcelona), **Estados Unidos** (Miami, Nova York e Washington, DC), **México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana**. Além disso, atua em **Cuba** e oferece seus serviços através de companhias afiliadas na **Bolívia, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Costa Rica, Guatemala, Honduras, El Salvador, e Nicarágua**.

As duas publicações líderes do setor colocam a consultoria entre as empresas de comunicação mais importantes do mundo. Ela ocupa a 54.^a colocação no **Ranking Global 2016** elaborado pelo *The Holmes Report* e é a 53.^a em receitas mundiais segundo o *Global Agency Business Report 2016* do PRWeek.

É a empresa de comunicação mais premiada nos mercados em que atua. Este ano, ganhou **77 prêmios**, entre eles, *Public Relations Company of the Year (International Business Awards 2016)*.



DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e diretor geral corporativo de
Talentos, Organização e Inovação
acorujo@llorenteycuenca.com

Carmen Gómez Menor
Diretora Corporativa
cgomez@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICAS

Alejandro Romero
Sócio e CEO Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e COO América Latina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Erich de la Fuente
Sócio e CEO EUA
edela Fuente@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO DE TALENTO

Daniel Moreno
Diretor de Talento
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de Talento
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Eva Pérez
Gerente de Talento
para América do Norte, América
Central e Caribe
eperez@llorenteycuenca.com

Karina Sanches
Gerente de Talento para
Cone Sul
ksanches@llorenteycuenca.com

ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e diretor geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e diretor geral
gpanadero@llorenteycuenca.com

Barcelona

María Cura
Sócia e diretora geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e diretor sénior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Jordi Sevilla
Vice-presidente de
Contexto Económico
jsevilla@llorenteycuenca.com

Latam Desk
Claudio Vallejo
Diretor sénior
cvallejo@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Impossible Tellers

Ana Folgueira
Diretora geral
ana@impossibletellers.com

Diego de León, 22, 3º izq
28006 Madrid
Tel. +34 91 438 42 95

Cink

Sergio Cortés
Sócio. Fundador e presidente
scortes@cink.es

Muntaner, 240, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

Lisboa

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00

EUA

Miami

Erich de la Fuente
Sócio e diretor geral
edela Fuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nova Iorque

Latam Desk
Erich de la Fuente
edela Fuente@llorenteycuenca.com

Abernathy MacGregor
277 Park Avenue, 39th Floor
New York, NY 10172
Tel. +1 212 371 5999 (ext. 374)

Washington, DC

Ana Gamonal
Diretora
agamonal@llorenteycuenca.com

10705 Rosehaven Street
Fairfax, VA 22030
Washington, DC
Tel. +1 703 505 4211

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Cidade do México

Juan Rivera
Sócio e diretor geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

A Havana

Pau Solanilla
Diretor geral
psolanilla@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Panamá

Javier Rosado
Sócio e diretor geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Bogotá

María Esteve
Sócia e diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colombia
Tel: +57 1 7438000

Lima

Luis Miguel Peña
Sócio e diretor sénior
lmpena@llorenteycuenca.com

Humberto Zogbi
Presidente
hzogbi@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Alejandra Rivas
Diretora geral
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e gerente geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Daniel Valli
Diretor geral e diretor sénior
de Desenvolvimento de
Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Maira Da Costa
Diretora
mdacosta@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Marco Antonio Sabino
Sócio e presidente Brasil
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390

Desenvolvendo Ideias é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Desenvolvendo Ideias é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe **Desenvolvendo Ideias**.

www.desenvolvendo-ideias.com
www.revista-uno.com.br

